



Um feminicídio nunca vem só



Catarina Carvalho

O feminicídio é uma palavra horrível. Soa mal e significa pior. Mas tem uma vantagem: especifica quem foi a vítima do crime quando é importante saber quem foi a vítima do crime. Uma mulher. Não é facto anódino. Uma mulher morta, às mãos de um homem, é muito, antes e depois de ser o fim anunciado de uma história inevitavelmente triste. É muito, antes e depois de ser um drama pessoal e familiar. É, certamente, o culminar de um percurso, porque um feminicídio não chega de repente. Mas há mais neste crime: os ataques têm normalmente um só sentido, diretamente proporcional ao poder, na relação. Quem tem esse poder, exerce-o – e, do ponto de vista mais básico, o físico, ao ponto de vista mais cultural, o social, tem boas razões para achar que tem. Por isso o feminicídio não é só a morte de uma mulher.

É também a morte do feminismo, a morte da igualdade de género, a noção de que ainda há tanto por fazer neste âmbito. Que é, no fundo, o âmbito dos direitos humanos. Nesta semana tivemos um caso, em Portugal, que dava um romance negro ou um tratado de sociologia. Duas pessoas, uma avó e uma neta, foram mortas por um homem que queria atingir a que não morreu naquela família, a ex-mulher. Este duplo feminicídio do Seixal terminou uma história de humilhações, ameaças, violência psicológica e física – soubemos, ao consultar o processo que correu judicialmente sem que tenha havido consequências. Mas, como acontece cada vez mais, este crime foi também a reviravolta trágica de uma tentativa de resistência, de uma força... que se revelou aparente. Uma mulher teve a coragem de denunciar o que estava a passar, “entregando” o ex-companheiro à polícia, saiu de casa, fez tudo como manda a cartilha do feminismo moderno e do civismo legal. E acabou com a filha e a mãe mortas. Como se nada pudesse inverter o curso da história. A frustração. O muito que falhou aqui é também uma história do poder. Ou da falta dele. A mes-

Há sempre uma reviravolta trágica num percurso que se acreditava de resistência. E há também uma história de poder. Ou da falta dele. Ou da transferência dele, que muitos ainda não aceitam. E matam.

ma que é contada pela displicência com que tantos tratam a violência doméstica – ou não doméstica, a violência de um homem sobre uma mulher. Não vale a pena enganarmo-nos: uma sociedade que permite que se faça isto às mulheres, que se continue a fazer isto, não pode estar a olhar para este problema com seriedade. Se é que o considera um problema. Uma polícia que desvaloriza queixas, um Ministério Público que permite que elas sejam retiradas, riquíssimos apoios sociais, o ónus da vítima quando denuncia...

Decisões políticas, grupos de trabalho, anúncios de formação, a colocação deste flagelo nas notícias, nada disso vale perante o embate numa realidade como a que conhecemos nesta semana. Não nos demoremos muito nelas, mas falemos de algumas “psicologias” do caso do Seixal. Há uma fraqueza enorme na força demonstrada por quem mata nestas circunstâncias. Essa é a fraqueza de um homem desorientado, abandonado, sem o poder que achava que tinha, e não foi substituído por outro. Um homem que não aprendeu a lidar com o mundo como ele é hoje, de mulheres fortes e a pensarem pela sua cabeça, pouco disponíveis para continuarem a ser submissas, a baixar a cabeça. Foi com tudo isso, com o facto de a sua mulher ter uma vida própria, que este homem não soube lidar. Nada de desculpa, nada atenua a sua pena. Até porque a força transformada em fraqueza arruinou a vida de duas famílias. Mas é importante olharmos, vermos, aprendermos. Porque quanto mais as mulheres avançarem no caminho que lhes está pela frente, mais expostas estarão aos homens que o não compreendem. E é isso que a sociedade, como um todo, tem de precaver.